



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**ISMAEL ALVES JUSTO**

**O ADOECIMENTO E O VAZIO EXISTENCIAL NA SOCIEDADE MODERNA,  
SOB UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

**BRASÍLIA  
2018**

Ismael Alves Justo

**O ADOECIMENTO E O VAZIO EXISTENCIAL NA SOCIEDADE MODERNA,  
SOB UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

Monografia Filosófica apresentada ao  
Departamento de Filosofia da Universidade  
de Brasília como requisito para a conclusão  
do Curso de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Hubert Jean-François  
Cormier

**Brasília  
2018**

Ismael Alves Justo

**O ADOECIMENTO E O VAZIO EXISTENCIAL NA SOCIEDADE MODERNA,  
SOB UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Hubert Jean-François Cormier  
Orientador

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes  
Examinador



À Mônica, minha esposa, e aos meus filhos Lucas e Mariana, pela paciência, amor e carinho e incentivos diários neste longos e solitários dias de estudos e dedicação, sem perder a proximidade e o incentivo constantes.



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares e amigos de jornada de curso em nossa querida UnB. Aos grandes mestres que encontrei pelo caminho em sua dedicação ao estudo e ao verdadeiro ensinamento da Filosofia, para construção e compreensão melhor do mundo e das ideias transformadoras.





Aversão ao Supremo Bem e conversão aos bens secundários são, em suma, os dois atos livres que decidem nossa felicidade ou infelicidade eternas.  
(Santo Agostinho)



## RESUMO

Hoje, talvez mais do que em outras épocas, a discussão que prevalece na fala cotidiana fundamenta-se na liberdade. Um dos aspectos que mais se ouve dizer é a liberdade de poder escolher, optar, dar sua opinião, ser o que se quiser sem se preocupar com limites, regramentos sociais ou morais da tradição em que vivemos. Ser livre é essencial à dignidade humana, porém, a pergunta deve se voltar para o conceito que se tem de liberdade. De forma análoga, deve-se pensar sobre a questão da felicidade, da responsabilidade, do pecado, do sofrimento e do livre arbítrio dos quais fazem parte da realidade humana e o uso da liberdade como “escudo”. Observando o indivíduo inserido em seu mundo, o que se busca é apresentar uma leitura da temática acima enfocando o pensamento de Schopenhauer, e outros pensadores, pois para ele existência humana está intrinsecamente relacionada a compreensão da vontade. Assim é importante buscar entender qual a relação existente entre Liberdade, Responsabilidade, Vontade (desejo), Sofrimento, Pecado e Livre-Arbítrio, e, para isso, Santo Agostinho e Viktor Frankl podem nos ajudar numa compreensão ampla desses fenômenos na vida humana. Para Schopenhauer, no uso do livre-arbítrio, não há uma escolha racional, mas a ação da força da vontade, que impele o indivíduo à satisfação de seus desejos. Mas a satisfação que assim se alcança, num instante se esvai, porque a vontade não é limitada a objetos específicos, não é racional, nem submissa a qualquer controle. Enquanto Agostinho vê o livre-arbítrio como algo transcendente e oriundo de uma dádiva Divina e por ele agimos para o bem ou para o mal e suas consequências na vida e na alma humana. Deve-se considerar, ainda, que cada indivíduo, inserido numa sociedade com suas normas, extenua-se, em todos os momentos, à busca de satisfazer a vontade de viver. Dessa forma o homem sofre porque é insatisfeito, incompleto ou mesmo vazio em suas existências; entediado com a inconstância da vida e dos desejos ele por vezes procura nas drogas e no sexo desmedido formas de anestesiar esse sentimento de menos valia. A vida social se configura, numa tentativa de fuga, de um vazio existencial de falta de propósitos que não subtrai as pessoas do ciclo de insatisfação. Para elaboração deste trabalho acadêmico, observou-se inicialmente a questão da origem do mal e do pecado a fim de, com base nos ensinamentos de Santo Agostinho, compreendermos qual a sua essência e sua relação com o Altíssimo. Em seguida, a liberdade no pensamento de Schopenhauer, discutindo a ideia de livre-arbítrio e como o homem se joga no divertimento e às vezes nas drogas como forma compensatória de uma existência frívola. Em seguida, discute-se o vazio existencial, a questão do sofrimento e da ausência de Deus na vida das pessoas e seu afastamento provocado pela secularização das sociedades nos dias atuais.

**Palavras-chave:** livre-arbítrio, sofrimento, liberdade, vontade, pecado, responsabilidade, vazio existencial, religiosidade inconsciente.



## ABSTRACT

These days, more than any other time, the prevailing discussion is based on freedom. One of the most common aspects one hears about is the freedom to choose, to make an option, to give an opinion, to be what one wants to be disregarding boundaries, social or moral traditions. Being free is essential to human's dignity, however, the question is what idea of freedom people have. The same treatment we ought to spare on happiness, responsibility, sin, suffering, and free will, since they are all part of human reality, as well as the use of freedom as a "shield". Observing the individual in the world, this paper denotes to present a view of the issues mentioned above, focusing Schopenhauer's thoughts, amongst others thinkers, due to the fact that, for him, human existence is intrinsically related to the comprehension of will itself. This is an important way to understand what is the relationship between freedom, responsibility, will (desire), suffering, sin and free will, using the help of Saint Augustine and Viktor Frankl in a wider comprehension of these phenomena in human life. In the use of free will, Schopenhauer claims there isn't a rational choice, but the action of will power, which instigates the individual to the satisfaction of its desires. However, the reached satisfaction goes away in a while, because the will is not limited to specific objects, it is not rational, nor submissive to any control. On the other hand, Saint Augustine claims free will as transcendental, meaning a gift from Heaven, whereby people act for good or for evil, facing the consequences in life and soul. Still, we ought to consider that each individual within the ruled society seeks to satisfy its life's will. That said, mankind suffers because of the feeling of existential discontentment, incompleteness, and emptiness; bored with life's inconstancy and desires, at times mankind leads to search in drugs and immoderate sex as a way of soothing the feeling of lacking value. As a way of scape, social life turns into an empty existence of a lack of purpose that doesn't save people from the circle of discontentment. Due to properly enable this scholar work, it is observed the matter of sin and evil origins at the beginning, based on Saint Augustin works, in a way to understand its essence, as well as its relationship with God. Afterwards, it is discussed the idea of free will and how men throw themselves into deliberate fun and sink into drugs as a compensatory way of frivolous existence. Then, it is also discussed existential emptiness, the suffering issue and the absence of God in people's life and their distancing provoked by the secularization of today's societies.

**Keywords:** free will, suffering, freedom, will, sin, responsibility, existential emptiness, unconscious God.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>1. A QUEDA, O PECADO E O SOFRIMENTO HUMANO: A DUALIDADE BEM / MAL</b>	<b>19</b>
1.1. O Livre-arbítrio – o grande responsável pelo pecado?	23
<b>2. O EGOÍSMO DO HOMEM EM SOCIEDADE</b>	<b>26</b>
2.1. Viver é sofrer – Não prejudiques pessoa alguma, sê bom com todos	28
2.2. Íxion e seus desejos incontroláveis	30
<b>3. O VAZIO EXISTENCIAL: A NEUROSE DOS TEMPOS MODERNOS</b>	<b>33</b>
3.1. Religiosidade Inconsciente	37
<b>4. CONCLUSÃO</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>





## INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas a vida parece sem significado e absurda. A ciência, a tecnologia, e mesmo alguns ramos da filosofia têm retratado os seres humanos como meros produtos do acaso. Ainda assim, quer de modo consciente ou não, homens e mulheres sentem ser difícil aceitar uma existência destituída de propósito. Violência, protestos e rebeliões, uso de drogas são, em muitos casos expressões irracionais de pessoas que se constatarem apavoradamente perdidas.

Por outro lado, ideias errôneas sobre a liberdade frequentemente nos levam a conceitos tais como: ser livre é levar uma vida desregrada e desenfreada, fazendo o que bem entender, sem se importar com os aborrecimentos que isso possa causar aos outros. A vida é minha. O corpo é meu. Essa ideia é totalmente errada. Ser livre não é ser escravo dos desejos. Ser livre não é fugir das dificuldades, mas sim, dominá-las sem temor. Ser livre não é levar uma vida ociosa, desregrada ou desmedida. A verdadeira liberdade não se choca com regras e limites. Vejamos por exemplo um grande músico, pelo fato de estar em natural harmonia com as regras musicais consegue livremente qualquer música. Mas um músico medíocre, por não obedecer às regras musicais, não tem essa liberdade. Este exemplo faz-nos compreender que a “grande liberdade” está na natural harmonia com as leis e regras, e que uma vida ociosa, desregrada ou desenfreada não traz a verdadeira liberdade, portanto, a liberdade está intrinsecamente ligada à ordem que triunfa sobre a confusão. A vida é livre por natureza.

Para este trabalho o conceito de ordem deve ser entendido como o respeito a regramentos, temperança e limites de agir e proceder uns para com os outros. Em se tratando de organizações como a família e a sociedade em geral, a falta de ordem acaba provocando a ruína. Estaria a libertinagem, a vida desregrada, a falta de propósitos e expectativas, o racionalismo exagerado e o distanciamento de nossa essência do Criador, na base de todos os males humanos aos quais sofrem a sociedade moderna? Estes são os elementos centrais aos quais adviriam, em grande parte, o adoecimento e o vazio existencial, fazendo da depressão e o atentado contra a própria vida como um dos principais males enfrentados na sociedade moderna? Esses são os aspectos primordiais circunscritos neste trabalho do qual lanço mão para reflexão pensadores tais como Schopenhauer, Viktor Frankl e Santo Agostinho, e eventualmente outros, na busca de uma compreensão mínima que auxilie a romper com os grilhões psicológicos que

aprisionam grande parte das pessoas nos dias atuais e quais seriam as possíveis saídas sugeridas, partindo do pressuposto de que o objetivo primordial da filosofia deve ser um modo de vida.

Platão, em sua obra “A República”, revela-nos que é da essência da democracia conceder aos cidadãos uma liberdade demasiadamente grande que, fatalmente, degenera em licenciosidade. Que ordem continua possível, quando toda coerção é abolida, quando as regras morais são abandonadas ou relativizadas ao juízo do primeiro que aparece, que as adota ou as rejeita, conforme os caprichos de seu humor ou de seus propósitos (PLATÃO, 1973).

Na obra de Viktor Frankl, “Em busca de Sentido”, todos em algum momento da vida devem ter efetuado as seguintes perguntas: Qual é o propósito da vida? Por que estamos aqui? Temos alguma missão a cumprir? (FRANKL, 2008, p. 7). Em algum momento de nossas existências, essas perguntas ecoam em nossos ouvidos, tanto em momentos de extrema felicidade, quanto em momentos de desespero, desânimo, sobre o porquê de sermos escolhidos por passar por estes momentos.

Alguns pensadores repetem o conceito de que os males do mundo decorrem nos últimos tempos da obra dos que fizeram a filosofia do desespero. E por filosofia do desespero entende-se aquela filosofia que, a partir de Descartes, tem tentado uma solução para os problemas universais por meio dos dados da razão. Realistas e Idealistas de todos os feitios não tem realizado outra coisa senão estancar a velha fonte em que o homem se supria de ideal e subverter os valores tradicionais que eram o fundamento da tranquilidade da vida. “Tudo é matéria” – proclama alguns ramos da filosofia moderna. E isto é questionável, vale por uma revolução e no fundo quer dizer: fez-se de novo o caos e em toda a extensão infinita do espaço estabeleceu-se o império da confusão e da desordem e do materialismo. Se teoricamente a filosofia moderna trouxe a negação do espírito e de Deus - um certo “*odium Dei*” – e trouxe o império das fórmulas materialistas da vida, na prática consequências futuras adviriam dessa filosofia. Uma doutrina de desespero só poderá produzir obra de desespero, uma proposta de demolição só poderá demolir. Estaria aí, também, uma das razões pela desordem e a confusão no mundo – com a perda significativa da sua consciência moral, entregue à satisfação incontida dos baixos instintos?

## 1. A QUEDA, O PECADO E O SOFRIMENTO HUMANO: A DUALIDADE BEM / MAL

Um pouco de mito pode ilustrar essa dualidade entre o bem e o mal. Costuma-se situar face a face os representantes das tendências opostas em cada momento, aqueles que ocupam as posições chamadas extremas: os que na arte e na política, na moral e na religião, não caminham de mãos dadas num fraterníssimo confiante; os que na vida vão por caminhos diferentes e às vezes parecem dar-se as costas como numa atitude definitiva. Os que estão com Ahriman<sup>1</sup> contra os que estão com Aúra-Masda; os que estão com os angélicos contra os satânicos. Os que parecem construir a vida contra os que parecem destruir a vida; os que dão a alma a Deus contra os que a vendem ao diabo. De um lado, os espíritos de afirmação e de outro os espíritos de negação; de um lado a verdadeira vida e de outro lado a falsa vida.

Dentre todos os relatos bíblicos, pode-se dizer que o mais mítico é aquele do drama do Éden, contido nos Cap. II e III do Gênesis, que nos remete à queda e ao sofrimento humano. É de fato, um mito de base, e, para nós ocidentais, sua antropogênese: “.. de onde vem o fardo do trabalho, o sofrimento e a morte?...” é uma narrativa com função religiosa, pois ensina que nossas desventuras provêm de nossa desobediência à ordem divina.

O homem desde a queda do paraíso guarda no mais profundo de sua alma uma busca do retorno à felicidade eterna, sua realização ou resgate interior de paz, harmonia e perfeição perdidos. De uma paz interior inabalável. Uma busca que em seu imaginário traria a tranquilidade e o equilíbrio de todas as forças da natureza onde possam conviver uns com os outros, na mais perfeita harmonia e entrelaçamento de amor e de equilíbrio na utilização e compartilhamento dos bens naturais. Essa queda da relação paradisíaca com o divino foi, no entanto, o despertar humano, mas um despertar de consciência que nos trouxe uma vida de sacrifícios, dor e sofrimento.

---

<sup>1</sup> Ahriman, Arimã ou Arimane é o deus das trevas, da destruição, da morte, do mal e da desordem para os seguidores do zoroastrismo, religião fundada na antiga Pérsia, por Zaratustra. Em oposição a seu irmão gêmeo, Aúra-Masda (que é a fonte da luz, da fertilidade e das energias construtivas), Arimã deseja levar os homens à devassidão e corrupção. Ele é o senhor das trevas que cegam os homens que buscam a verdadeira visão - seus métodos são vis e enganadores, ele corrompe os homens com desejos que os desviam da "trilha verdadeira". Ele é o senhor de todos os Devas (deuses malignos), e os utiliza em todos os seus propósitos malignos.

As escrituras sagradas assim nos revelam que: tanto a história da queda do homem (Gênesis III) como a doutrina cristã do pecado original levantam a questão: de onde vem o mal? O primeiro capítulo da Bíblia termina com as palavras:

Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom.  
(BÍBLIA, Gênesis 1, 31)

Porém, logo adiante lemos Adão e Eva foram expulsos do paraíso, que a morte fez sua aparição, que a mulher deu à luz com dor, que Caim assassinou seu irmão e que o mal aumentou pelo mundo afora. Chega até o ponto em que Deus lamenta a criação.  
(BÍBLIA, Gênesis 6, 5-8)

O problema do mal sempre preocupou a humanidade. O homem já causou guerras, inimizadas e sofrimentos na terra. A Bíblia fala de uma força que se opõe a Deus. No entanto, foi o homem que construiu campos de concentração, foi o homem que usou bombas de napalm e bombas de gás em várias guerras. A história da criação fala metaforicamente da “serpente”. Fala das “forças sobre-humanas do mal”, de Satã que, segundo a lenda, tinha sido o mais belo de todos os anjos – Lúcifer (portador da luz) – mas foi expulso para as regiões infernais por se opor à vontade de Deus. Fala também de um poder pessoal de oposição a Deus: o diabo.

Podemos dizer que a vida é um sonho, argumentamos que a utopia deve ser um encontro com os sonhos, uma luta em que procuramos impor a nossa visão de mundo. No entanto, quando ultrapassamos as sombras do sonho, nos deparamos com um mundo sólido de coisas, cada uma com sua forma fixa, cada coisa com o seu próprio ponto de equilíbrio, cada uma com o seu preço; um mundo de fatos, não uma imagem poética, um mundo em que o que é gasto numa coisa não pode ser gasto noutra; um mundo habitado para além, de nós mesmos, por outros que não podem ser reduzidos a simples reflexos das nossas próprias emoções. Fazer desse mundo comum o mundo de sonhos e perfeições um desafio que ultrapassa a própria limitação humana de ser e existir.

Antes de tudo, para podermos descobrir a origem do pecado e do mal, vale refletirmos para saber qual a sua essência. Cometer o mal não é nada mais do que submeter nossa vontade às paixões. Santo Agostinho prova a existência de Deus, autor de todo bem para refletir sobre a questão. Tendo-se convertido e sentindo-se no caminho da verdade Santo Agostinho sentia a necessidade de recuperar-se de seu erro antigo

especialmente aos ligados aos pensamentos dos maniqueus. Eis uma breve síntese da teoria maniqueísta: para eles haviam duas divindades supremas a presidir o universo – o princípio do Bem e do Mal, a Luz e as Trevas. Como consequência moral, afirmavam ter o homem duas almas. Cada uma presidida por um desses dois princípios. Logo, o mal é metafísico e ontológico. A pessoa não é livre e nem responsável pelo mal que faz. Este lhe é imposto.

A esse problema conseguiu apresentar Agostinho uma explicação refutando o maniqueísmo. Refletiu ele: - se tudo provém de Deus, que é o Supremo Bem, de onde provém o mal? Ele encontra em Plotino a chave para resolver a questão: o mal não é um ser, mas, a deficiência e privação de ser.

Para o bispo de Hipona, no mal existe um problema de compreensão, do qual todos que um dia pararam para tentar entendê-lo e quiseram achar alguma resposta. O problema tem a base na indagação de onde vem, para que existe, por que é praticado? No pensamento agostiniano o mal ganha visão diferente, ou seja, em Agostinho o mal é decorrente da ação humana. Ele tira Deus do centro do problema como gerador do mal e dá essa característica ao homem, pois a premissa maior de Agostinho é de que Deus é bom e sendo bom ele não tem capacidade de fazer o mal. O mal não passa de uma ação voluntária do homem que, segundo suas vontades próprias, pode escolher se quer fazer o bem ou o mal, daí uma escolha entre uma vida feliz ou infeliz.

Na obra agostiniana, “O livre Arbítrio”, podemos encontrar de grande alcance que o mal está no fato de a paixão dominar a razão. Para serem bem compreendidas as reflexões de Agostinho a respeito do problema do mal, é necessário lembrarmos a distinção entre o “mal físico” e o “mal moral”. O primeiro pertence à ordem corporal e se traduz pelo sofrimento. O segundo é essencialmente a violação voluntária e livre de ordem desejada por Deus – é o que chamamos de falta ou pecado. Um e outro mal são, não apenas simples ausência de um bem superior à natureza, mas a privação de um bem que é próprio dessa mesma natureza. De onde vem que praticamos o mal? Agostinho enfatiza a conclusão a que chegará: o pecado tem sua origem no livre arbítrio. Agostinho atribui de maneira firme a origem do mal moral ou pecado à vontade livre. Apresenta, com convicção, a teoria da boa vontade no homem. E esta está totalmente em seu poder; a boa vontade envolve a vivência das quatro virtudes cardeais: prudência, coragem (força), temperança e justiça. Fica assim nossa felicidade assegurada, sob a condição de

praticarmos livremente o bem. Seria o livre arbítrio um mal para o homem? A que Agostinho nos ensina que “o livre arbítrio é um bem em si mesmo, não o mal. O abuso do bem não implica que esse bem se converta em mal.”

O homem sempre busca a verdade. Deus é a verdade. Sendo Deus a verdade como devemos conhecê-lo? As virtudes da humanidade e da modéstia parecem auxiliar nesse encontro desta verdade. Nisto embora se questiona também se a verdade pode ser conhecida por nós, a fim de que se justifique a continuar a viver na vulgaridade de nossos fins finitos. Num pensamento como este: “Como eu, pobre verme da terra, seria capaz de conhecer a verdade? Neste contexto, para alguns Deus é a ânsia da felicidade ilimitada que o homem sente em si satisfeita na fantasia. O homem inconscientemente abomina o mundo, a natureza, porque no mundo, na natureza, ele vê a matéria, a destruição, a transitoriedade, a morte! Por isso, cria, ainda que somente na fantasia, um outro mundo eterno, imaterial, uma vez que este daqui não serve, é um vale de lágrimas, dores e sofrimentos. Parece-nos que, logo, o destino de uma pessoa é, meramente, material, o destino de seu corpo, que é, em última instância, retornar ao pó de onde brotou. Essa alegada identidade do eu com o seu corpo explica, além do mais, a solicitude de todo homem pelo seu corpo, então qualquer ameaça a este é uma ameaça à própria pessoa, que deve encarar a destruição do corpo como a destruição de si própria. E, de fato, tal parece ser a atitude de todos os homens sejam quais forem suas convicções filosóficas ou religiosas.

Segundo Santo Agostinho, em sua obra “Confissões”, Deus é bondade absoluta e o homem é o réprobo miserável condenado à danação eterna e só recuperável mediante a graça divina. Eis o cerne da antropologia agostiniana. Para o bispo de Hipona, o homem é uma criatura privilegiada na ordem das coisas. Feito à semelhança de Deus, desdobra-se em correspondência as pessoas da Trindade. As expressões dessa correspondência encontram-se nas três faculdades da alma. A memória, enquanto persistência de imagens produzidas pela percepção sensível, corresponderia à essência (Deus Pai), aquilo que é e nunca deixa de ser; a inteligência seria o correlato do verbo, razão ou verdade (Filho); finalmente, a vontade constituiria a expressão humana do amor (Espírito Santo), responsável pela criação do mundo (AGOSTINHO, 2015, p. 358).

### 1.1. O Livre-arbítrio – o grande responsável pelo pecado?

Deus e o mal: tal é o grave problema proposto que levou muito a Agostinho a pensar. A resposta de Agostinho foi de que Deus não é o autor do mal, porque é autor de todo bem. Sendo Deus bom, é evidente que não pode fazer mal algum.

Erros maniqueístas de Agostinho: havia ele, há pouco tempo, se desligado da heresia maniqueísta, que ensinava não ser o homem livre em suas ações. Diziam que a responsabilidade humana é ilusão, pois todo coração humano é habitado por uma mistura de elementos luminosos e tenebrosos. Em consequência, todo mal que fazemos, não somos nós que o praticamos, mas o princípio do mal, cativo em nós. A consciência desse modo ficava liberta de todo complexo de culpa (AGOSTINHO, 2015, p. 119).

Chega Agostinho a conclusão que a concupiscência, levando ao abuso do livre-arbítrio é que dá origem ao mal. Portanto, desde suas primeiras obras, Agostinho afirma que a vontade do homem é a fonte do pecado, e não existe, assim, fonte alguma secreta do mal que o exoneraria de qualquer responsabilidade.

O pecado original – a liberdade posta à prova: Deus criou o homem à Sua imagem e o constituiu em sua amizade. Criatura espiritual, o homem deve obediência a Deus e isso é expresso na proibição feita ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, “porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás” (Gn 2, 17). A árvore do conhecimento evoca o limite que o homem deve, como criatura, reconhecer e respeitar com confiança; enquanto dependente do Criador, submetido às leis da criação e às normas morais que regem o uso da liberdade. (IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 112)

Para serem mais bem compreendidas as reflexões de Agostinho a respeito do problema do mal, é necessário lembrarmos a distinção entre o “mal físico” e o “mal moral”. O primeiro pertence à ordem corporal e se traduz pelo sofrimento. O segundo é essencialmente a violação voluntária e livre de ordem desejada por Deus – é o que chamamos de falta ou pecado. Um e outro são, não apenas simples ausência de bem superior à natureza, mas a privação de um bem que é próprio dessa mesma natureza.

Agostinho demonstra que para descobrir a origem do pecado é necessário chegar a conhecer a sua natureza anterior. Assim, cometer o mal não é nada mais do que submeter

a própria vontade às paixões, ou seja, preferir aos bens propostos pela lei eterna a uma satisfação pessoal, inferior. Ora, isso só é possível por uma livre é uma escolha da vontade pessoal, visto que a ordem querida por Deus não poderia ser destruída pelo próprio Deus. Também não poderia ser destruída pela própria paixão, que nos é inferior, nem por outros homens que não nos sejam superiores.

Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. São Paulo afirma: Pela obediência de um só homem, a humanidade toda tornou-se pecadora (Rm 5,19). Pois como o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado, a morte; e a morte passou para todos os homens, porque todos pecaram.....(Rm 5,12). De que maneira o pecado de Adão tornou-se o pecado de todos os seus descendentes? O gênero humano inteiro é em Adão como “um só corpo de um só homem”. Em virtude dessa unidade de “gênero humano”, todos os homens estão implicados no pecado de Adão, como todos estão implicados na justiça de Cristo. A transmissão do pecado original, é, contudo, um mistério que não somos capazes de compreender plenamente. Sabemos, porém, pela Revelação, que Adão havia recebido a Santidade e a Justiça originais não exclusivamente para si, mas para toda a natureza humana: ao cederem ao tentador, Adão e Eva cometem um pecado pessoal, mas esse pecado afeta a natureza humana, a qual eles transmitiram por propagação à humanidade inteira, isto é, pela transmissão de uma natureza humana privada da Santidade e da Justiça originais. Por isso, o pecado original é denominado “pecado”: é um pecado contraído e não cometido, um estado e não ato. Embora próprio de cada um, o pecado original não tem, em nenhum descendente de Adão, caráter de falta pessoal. Consiste na privação da Santidade e da Justiça originais, mas a natureza humana não está totalmente corrompida: ela está ferida em suas próprias forças naturais, submetida à ignorância, ao sofrimento e ao poder da morte, e inclinada ao pecado - esta propensão ao mal é chamada concupiscência. (IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 114)

Santo Agostinho nos afirma que: “nenhuma outra realidade torna a mente escrava de paixões, senão a própria vontade e o seu livre-arbítrio”. Logo, a concupiscência, isto é, o mal desejo, é ocasião de pecado, mas não a causa do pecado, que se enraíza no livre-arbítrio. Mas Agostinho demonstra que nada existe que possa forçar fatalmente o homem e seu livre-arbítrio a obedecer às paixões: estas podem tentá-lo seduzi-lo, fazer-lhe



violência, mas não o violenta, irresistivelmente, para que sejam seguidas. Em outras palavras, a liberdade é uma propriedade da vontade esclarecida pela razão. É um arbítrio, isto é, uma decisão soberana, o poder de agir como queremos, a capacidade de produzirmos, como senhores, os nossos próprios atos.

Assim é o pecado submeter-se a razão às paixões, em desobedecer às leis divinas, em afastar-se do Bem Supremo. Em consequência dessa escolha o homem fica cheio de tormentos, de temores, de desejos e angústias. Atormenta-se quando perde algo que para ele era fonte de alegria, afadiga-se para conseguir o que não possui, encoleriza-se quando ofendido e incita-se a busca de vingança. E ainda fica atormentado pela ambição, pela inveja e por uma infinidade de paixões. Tudo isso por ter abandonado a sabedoria, e assim não ter respeitado a ordem de lei eterna impressa por Deus em sua alma. A causa do mal moral neste mundo vem, pois, do pecado e de suas consequências no uso inadequado do livre-arbítrio.

Santo Agostinho, em sua obra “O livre-arbítrio”, procura explicar pela razão a origem do pecado e seu papel na obra de Deus. Em conclusão, chega a afirmar que: “a fonte do mal moral, o pecado, está no abuso da liberdade, mas esta é um bem” (AGOSTINHO, 1995, p. 14).

## 2. O EGOÍSMO DO HOMEM EM SOCIEDADE

Segundo Schopenhauer, a responsabilidade é um ato livre e por ser um ato livre ninguém é obrigado a ajudar ninguém, por isso existe a liberdade de optar em querer agir ou não agir. Entretanto, é a dor do outro que nos leva a fazer alguma coisa para que essa dor e este sofrimento ligado à infelicidade sejam superados; é um ato livre da vontade humana.

No entanto, temos que ter em mente que não podemos escolher a quem devemos ou podemos ajudar, mas, sim, estender a mão para todos os seres, sem olhar a quem e, principalmente, sem querer nada em troca, para que assim possamos agir sempre eticamente com os nossos semelhantes, segundo a concepção filosófica de Schopenhauer.

A miséria e o sofrimento humano ainda são aumentados quando pelo amor-próprio e egoísmo, o homem se joga no divertimento e às vezes nas drogas como forma compensatória, meio de anestesiar a dor de sua condição existencial; o divertimento é um mal, pois leva ao engano como meio de encontrar a plena felicidade. Pelo divertimento, o autoconhecimento é deixado de lado, então para que conhecer as outras coisas se não se conhece a si mesmo?

O princípio da liberdade entendido por Schopenhauer apresenta-se como uma força motivadora, da qual todos nós a possuímos; nesse sentido, a liberdade é simples e está em nós desde que nascemos. E estando em nós vamos buscar obter a vontade, sendo assim ela se faz presente em nossas ações, desejo, liberdade e representação.

A representação faz o mundo ser o que ele é, ou seja, o mundo é uma representação. Assim podemos entender a liberdade (livre-arbítrio no pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer) como ação que motiva o homem à sua vontade. É o juízo livre para a escolha pela vontade humana entre o bem e o mal, certo e errado, ajudar o outro ou não, tudo isto vai perpassar pelas ações humanas. Para isso, devemos estar atentos em fazer uma ligação entre liberdade e vontade de um lado e a escolha da responsabilidade, da ética e da moral como contrapeso de equilíbrio. Daí a sabedoria bíblica nos ensina que tudo podemos, mas nem tudo convém, pois tudo que há no mundo pode se enganador e nos direcionar para uma vontade cega.

Schopenhauer, em sua obra “Dores do Mundo” (1961, p. 12-13), nos faz refletir que mesmo no cristianismo, se bem compreendido, a nossa existência é considerada como

consequência de uma falta, de uma queda. Se nos familiarizarmos com essa ideia, não esperamos da vida senão o que ela pode dar e longe de considerarmos as suas contradições, sofrimentos, tormentos, misérias, grandes e pequenas, como coisa inesperada, contrária às regras, acharmos perfeitamente naturais, sabendo que na terra cada um sofre a pena da sua existência, e cada um a seu modo. Portanto, seria mais convincente aos homens em vez de se cumprimentarem de senhor, sir, etc...., poderia ser: “companheiro de sofrimento”, “companheiro de miséria”. Por mais estranho que pareça, a expressão é, contudo, fundada, lança sobre o próximo a luz mais verdadeira, e lembra a necessidade da tolerância, da paciência, da indulgência, do amor ao próximo, sem o que ninguém pode passar e de que, todos são devedores (SCHOPENHAUER, 1961, p. 14). Para Schopenhauer vivemos os tormentos e suplícios de um verdadeiro inferno e deste mundo nada se pode esperar, porque ele nos dá a única realidade: o sofrimento.

O homem moderno é egoísta, encontra-se preso ao seu individual, preocupa-se com sua própria vida, é autônomo e independente. A sua ideia do “ego” ou “eu” separado dos outros, da vida e da natureza. Preocupa-se em conservar seu bem-estar, quer gozar de todos os prazeres e se por acaso alguma coisa venha interferir nos seus desejos e na sua vontade, isso lhe desperta muita raiva e uma terrível ira, se tornando um inimigo que é preciso eliminar. Porque para o egoísta, o importante é ter tudo para si e nada para os outros. Tudo isso gera, para si, um grande mal e nos causa muitas dores.

Dar sentido à vida e saber como encará-la, pois, o que mede não é o tempo máximo da vida, mas a qualidade da vida. Vivemos uma época de globalização econômica, de tecnologia, de corrupção política, de violência, de sensualismos e de solidão no meio de tantos, em que as pessoas já não mais conseguem viver felizes, por causa de tantas pressões advindas dessas dimensões que as deixam perturbadas. O homem nesse meio torna-se também um produto descartável onde tudo perde seu valor; meio em que as pessoas só pensam no ter e acabam perdendo o sentido da vida. Viver equivale a ter. Essa é a máxima dos dias atuais.

A principal verdade da arte de ser feliz continua sendo a de que tudo depende muito menos daquilo que se tem ou representa do que daquilo que se é. “A personalidade é a felicidade suprema”. Em todas ocasiões possíveis usufruir-se na verdade apenas de si mesmo: se o próprio eu não vale muito, então todos os prazeres são como vinhos excelentes em boca azedada com fel.

(SCHOPENHAUER, 2001, p. 107)

Percebe-se, ainda que, hoje, no mundo moderno, o homem está sem nenhuma conduta pessoal e genuinamente própria, pois vive de maneira prazerosa de sensualidade, sem ter em si um pouco de reflexão e muito menos de autodomínio de si e do próprio corpo. O ser humano perdeu o equilíbrio pleno e verdadeiro. Falta-lhe o compromisso de responsabilidade, e de ser capaz de dar sentido às suas próprias vidas e por fim de ser capaz de assumir um caráter essencial para sustentar a sua própria felicidade, de ser verdadeiramente autêntico em sua personalidade de existência individual e não buscar ídolos e referências de fora de si mesmo. E o que mais se vê é a busca de ser aceito e apreciado pelo mundo externo; é viver algo ou alguém que não lhe é próprio e viver uma alegria falsa a base do entorpecimento da diversão e, grande número, na bebida, no sexo desmedido e nas drogas.

### **2.1. Viver é sofrer – Não prejudiques pessoa alguma, sê bom com todos**

No Sistema de Schopenhauer, a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, é a fonte de todos os sofrimentos. Sua filosofia é, assim, profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. Para Schopenhauer, o prazer é momento fugaz de ausência de dor e não existe satisfação durável. Todo prazer é ponto de partida de novas aspirações, sempre obstadas e sempre em luta por sua realização: “Viver é sofrer”.

Mas, apesar de todo seu pessimismo, a filosofia de Schopenhauer aponta algumas vias para a suspensão da dor. Num primeiro momento, o caminho para supressão da dor encontra-se na contemplação artística. A contemplação desinteressada das ideias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da vontade em si mesma, o que, por sua vez, conduziria ao domínio da própria vontade. Na arte, a relação entre a vontade e a representação inverte-se, a inteligência passa a uma posição superior e assiste à história de sua própria vontade; em outros termos, a inteligência deixa de ser atriz para ser espectadora. A atividade artística revelaria as ideias eternas através de diversos graus,

passando sucessivamente pela arquitetura, escultura, pintura, poesia e finalmente pela música.

Em Schopenhauer, pela primeira vez na história da filosofia, a música ocupa o primeiro lugar entre todas as artes. Segundo ele a música liberta e exprimi a Vontade em sua essência geral e indiferenciada, constituindo um meio capaz de propor a libertação do homem, em face dos diferentes aspectos assumidos pela Vontade. Essa libertação pela arte, no entanto, não é total e completa.

A arte seria apenas um distanciamento relativamente passageiro e não a supressão da Vontade. Para que atinja a libertação, é necessário que o homem ascenda ao nível da conduta ética, a qual representa uma etapa superior no processo de superação das “dores do mundo”. A ética de Schopenhauer não está, contudo, presa à noção de “dever”; Schopenhauer rejeita as formas imperativas de filosofia que são, para ele, formas de coerção. Sua ética não se apoia em mandamentos, antes na noção de que a contemplação da verdade é o caminho de acesso ao bem.

Para Schopenhauer, o egoísmo, que faz do homem o inimigo do homem, advém da ilusão de vontades independentes que afirmam seus ímpetos individuais. A superação do egoísmo somente seria possível mediante o conhecimento da natureza única universal da Vontade. Como consequência moral do desaparecimento de sua individualidade, o homem atinge o princípio que é o fundamento de toda verdade moral: “Não prejudiques pessoa alguma, sê bom com todos”. Essa ética da piedade e da comiseração, segundo Schopenhauer, encontrou sua mais acabada expressão nos evangelhos, onde “ama a teu próximo como a ti mesmo” constitui o princípio fundamental da conduta. Mas nem mesmo a ética da piedade possibilitaria ao homem atingir a felicidade última. Para Schopenhauer, a mais completa forma de salvação para o homem somente pode ser encontrada na renúncia quietista ao mundo e a todas as suas solicitações, na mortificação dos instintos, na auto-anulação da vontade e na fuga para o Nada.

Para Schopenhauer a felicidade só ocorre na contemplação livre da vontade. Todo querer se origina da necessidade, portanto, da carência, do sofrimento. A satisfação lhe põe em termo; mas para cada desejo satisfeito, dez permanecem irrealizados. Além disso, o desejo é duradouro, as exigências se prolongam ao infinito; a satisfação é curta e de medida escassa. O contentamento finito, inclusive, é somente aparente: o desejo satisfeito imediatamente dá lugar a um outro; aquele já é uma ilusão conhecida, este ainda não.

Satisfação duradoura e permanente objeto algum do querer pode fornecer; é como uma caridade oferecida a um mendigo, a lhe garantir a vida hoje e prolongar a sua miséria ao amanhã. Por isso, enquanto nossa consciência é preenchida pela nossa vontade, enquanto submetidos à pressão dos desejos, com suas esperanças e temores, enquanto somos sujeitos do querer, não possuiremos bem-estar nem repouso permanente. Caçar ou fugir, temer desgraças ou perseguir o prazer, é essencialmente a mesma coisa; sem repouso porém não é possível nenhum bem-estar. Destarte, o sujeito da vontade está constantemente preso à “roda de Íxion”.

## 2.2. Íxion e seus desejos incontroláveis

Íxion foi um dos três maiores vilões da mitologia grega, ao lado de Sísifo e Tântalo. Tanto a culpa de Tântalo<sup>2</sup> quanto a justiça no castigo de Sísifo<sup>3</sup> ainda são questionáveis, contudo, não há argumentos capazes de defender Íxion, que foi o primeiro homem a assassinar um de seus parentes sobre a terra.

Íxion era Rei dos Lápitais na Tessália. Apaixonado pela filha de Dioneu, Íxion prometeu dar seus cavalos em troca da mão de sua filha. Porém, após o casamento, Íxion negou a cumprir promessa. Seu sogro reagiu e tomou à força os cavalos que lhe haviam sido prometidos, assim, Íxion jurou vingar-se de seu sogro com sofrimento e morte.

Fingindo querer reconciliar-se, Íxion convida seu sogro para vir à sua casa. Quando Dioneu chegou, Íxion convidou-o a entrar numa sala que na verdade era uma fornalha camuflada. Em um instante, Íxion trancou a porta e acendeu o fogo. Enquanto Dioneu era incinerado, seus gritos de desespero levaram Íxion ao arrependimento, mas

---

<sup>2</sup> Na mitologia grega, Tântalo foi rei da Frígia ou da Lídia, casado com Dione. Ele era filho de Zeus e da princesa Plota. Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim. Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força dos ventos. A expressão **Suplício de Tântalo** refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular: *“Tão perto e, ainda assim, tão longe”*.

<sup>3</sup> Na mitologia grega Sísifo, filho do rei Éolo da Tessália, era considerado o mais astuto de todos os mortais. Mestre da malícia entrou para a tradição como um dos maiores ofensores dos deuses. Ele odiava seu irmão Salomeneu; perguntando a Apolo como ele poderia matar seu inimigo, o deus respondeu que ele deveria ter filhos com Tiro, filha de Salomeneu, que o vingariam. Dois filhos nasceram, mas, Tiro, descobrindo a profecia, os matou. Sísifo se vingou e por causa disso, ele recebeu como castigo na **Terra dos mortos** empurrar uma pedra até o lugar mais alto da montanha, de onde ela rola de volta.

era tarde demais. Ao abrir a porta da câmara, Íxion se deparou com o corpo carbonizado de seu sogro. O remorso levou Íxion à loucura. Perambulando pelo mundo como mendigo, um oráculo previu que a única maneira de recobrar a sanidade seria submetendo-se à uma purificação para expiação do crime, porém ninguém conhecia o ritual.

Ao ver o sofrimento de Íxion, Zeus apiedou-se dele, restituindo-lhe a sanidade e o convidou para um banquete dos Deuses. Após o banquete, Íxion, embriagado, passou a assediar a esposa de Zeus, seu anfitrião. Percebendo as intenções de seu convidado, Zeus decidiu preparar uma armadilha e criou uma cópia de sua esposa a partir de uma nuvem, dando-lhe o nome de Néfele. Ao deixar a réplica sozinha, Íxion seduziu a nuvem. Após ter seduzido Néfele acreditando ser a mulher de Zeus, Íxion despediu-se dos Deuses e voltou à terra. Da união de Íxion com Néfele nasceu a raça dos centauros: metade homem, metade cavalo. Logo depois, Íxion divulgou para todos os mortais que havia seduzido a esposa de Zeus. Para castigar tal afronta Zeus lançou Íxion no Tártaro condenando-o a permanecer preso a uma roda em chamas por toda a eternidade (EVENTOS MITOLOGIA GREGA, 2011).

O mito de Íxion retrata os desejos incontrolados, o orgulho desmedido e a reincidência em erros. Íxion representa a pessoa que não conhece limites e a si mesma, não percebe o poder de sua força e nem sua sombra. Não valoriza o que conquista, não ama os que a rodeiam, não é capaz de avaliar seus atos e que pode ganhar ou perder devido a sua postura e não aprende com seus próprios erros.

Preso em seu orgulho, confiante em sua onipotência e narcisismo, a pessoa não consegue desenvolver qualidades como respeito, gratidão e amor. Para essa pessoa, nunca é suficiente o que possui e vivencia a inveja destruidora que ocupa o lugar da gratidão. É uma pessoa que não ama, apenas deseja e disputa o amor de outras pessoas como prêmios.

A pessoa não integra à sua personalidade qualidades da sensibilidade, intuição, receptividade e a disponibilidade de acesso a seu íntimo. Presa à sua matéria, a pessoa busca o que lhe possa trazer glória e afeto. Assim como Íxion, que negocia o seu casamento, e depois tenta seduzir a esposa de Zeus, a pessoa se perde em desejo sem finalidade, tornando-se incapaz de transformá-los.

Só lhe resta queimar seus desejos por longos anos que parece eterno e que sofre, mas é o único modo de secar as emoções negativas que geram um comportamento reprovável para si mesmo como para seu próximo. Na vida existe o princípio do prazer e o princípio da realidade, segundo a teoria freudiana. Uma pessoa que cede em tudo imediatamente, a quem nunca nada foi negado, suporta mal a frustração. Quem nunca vê negado um desejo, certamente se perde numa fonte inesgotável de solicitações. No entanto, quando a pessoa não tem tudo o que quer, abrem-se novas perspectivas, pois passa a valorizar o seu desejo à medida que espera, podendo melhor saborear o que for obtido.

Aliado a esta ilustrativa passagem mitológica, aqui ainda encontramos uma intercessão interessante de nota da filosofia Schopenhaueriana com o Budismo, enquanto voltado à psicologia do indivíduo.

O Budismo ensina que devemos nos desapegar das seduções dos enganos criados pelo desejo para a conquista da verdadeira independência chamada iluminação. Segundo esta filosofia, depois de experimentar a iluminação debaixo de uma figueira, Buda fez o “Sermão de Benares”, em que apresentou as nobres verdades sobre o sofrimento humano e a forma de transpô-lo.

Segundo o Budismo tudo é sofrimento, que a causa do sofrimento é o desejo, que o sofrimento cessa quando o desejo cessa; segundo essa filosofia o desejo implica desejar com os sentidos, a sede dos prazeres físicos. Como essa ânsia nunca pode ser saciada, ela sempre acarretará em sentimento de desprazer. Ensina, ainda, a filosofia Budista, que não se deve viver no prazer extravagante, nem na autonegação exagerada. Ambos extremos acorrentam o homem ao mundo, “a roda da vida”.



### 3. O VAZIO EXISTENCIAL: A NEUROSE DOS TEMPOS MODERNOS

Para o desenvolvimento deste capítulo basearei nos estudos de Viktor Frankl, criador da logoterapia, a terceira escola de psicoterapia de Viena, esteve entre nós comprovando sua inteligência ímpar, seu caráter incomum e sobretudo sua sabedoria de vida.

O vazio existencial é um fenômeno muito difundido nos dias atuais. Segundo Frankl, isso pode em parte ser atribuído a várias perdas ao longo da história humana. No início perdemos o instinto básico que regulam o comportamento animal e que assegura a própria sobrevivência num mundo adverso. A queda do paraíso que nos fechou a porta para sempre de nossa relação paradisíaca com o nosso Criador e, mais recentemente, a perda de tradições que serviam de apoio ao nosso comportamento. Daí a perda de personalidade, segundo Frankl, quando fazemos o que os outros fazem (conformismo), ou fazemos o que as outras pessoas querem que façamos (totalitarismo), ou hoje, numa linguagem mais atual, agimos dentro do “politicamente correto” para ser aceito sem reservas. E esses problemas estão se tornando cada vez mais agudo, aliado a isso o crescente processo de automação e das tecnologias que fomentam cada vez mais o isolamento, ao egoísmo, e a individualização (FRANKL, 2008, p. 131). Arremata o psicanalista vienense que não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a esse vazio existencial e a outros fenômenos tão difundidos na atualidade como depressão, agressão e vício (drogas ou sexo) que não podem ser entendidos se não reconhecermos o vazio existencial subjacente a eles. O mesmo é válido, também, para crises de aposentados e idosos.

Cada época tem sua própria neurose coletiva, e cada época necessita de sua própria psicoterapia para enfrentá-la. Segundo Viktor Frankl, em sua obra “Em busca de Sentido”, o vazio existencial que é a neurose dos tempos modernos, pode ser descrito como formas privadas e pessoais de niilismo; o niilismo definido como a posição que diz não ter sentido o ser. Ainda segundo Frankl, há um perigo na ideia do “nada mais que” aplicado às pessoas; a teoria de que o ser humano é “nada mais que” o resultado de condicionamentos biológicos, psicológicos e sociológicos, ou produto da hereditariedade e do meio ambiente. Semelhante visão do ser humano nos faz pensar que somos fantoches, vítimas de influências externas ou circunstâncias internas. Esse fatalismo é fomentado quando negamos nossa liberdade interna. E arremata Frankl, sem dúvida que

o ser humano é finito e sua liberdade é restrita. Não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas, sim, da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionamentos.

O ser humano pode assim ser “verdadeiramente ele próprio” também nos seus aspectos inconscientes. Por outro lado, ele é “verdadeiramente ele próprio” somente quando não é impulsionado, mas responsável. O ser humano propriamente dito manifesta-se onde não houver um “id” a impulsioná-lo, mas onde houver um “eu” que decide. (FRANKL, 2007, p. 21)

Segundo Kierkgaard, em sua obra “Desespero Humano”, não é ser desesperado que é raro, o raro, o raríssimo, é realmente não o ser (KIERKGAARD, 2007, livro II, p. 27-28). Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior, ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem duma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual num relâmpago, num momento raro de medo inexplicável lhe revela a presença interna.

Cada vez mais o ser humano moderno é acometido de uma sensação de falta de sentido, que geralmente vem acompanhado de uma sensação de “vazio interior”, aquilo denominado de “vazio existencial”. Manifesta-se principalmente através de tédio e indiferença. Neste sentido, o tédio representa uma perda de interesse pelo mundo, enquanto a indiferença significa uma falta de iniciativa para melhorar ou modificar algo no mundo. Sem dúvida, a sociedade industrializada está sempre visando satisfazer todas as necessidades humanas possíveis; a sociedade de consumo, visa até mesmo criar necessidade que possam ser por ela satisfeitas num segundo momento. Apenas a necessidade mais humana de todas, a necessidade de sentido, é frustrada pela sociedade. A industrialização faz-se acompanhar da urbanização, desarraigando as pessoas, alienando-as de suas tradições e dos valores por elas transmitidos. Nestas condições, é compreensível que especialmente a geração jovem padece mais da sensação de falta de sentido. A este respeito, o psiquiatra de Viena nos mostra a síndrome das neurose de massa constituída pela tríade: dependência (de sexo, drogas, etc..) X agressão X

depressão, comprovadamente tem como causa a sensação da falta de sentido em suas existências.

O progresso de secularização e de descristianização da sociedade tem sua origem nos séculos XVII e XVIII, a partir de Descartes e Kant, quando começou a derrubada da filosofia realista, substituída pelo idealismo, no qual o homem passa a ser o centro de tudo e a realidade passa a ser o pensado pelo homem. Hegel e Marx, nos séculos XIX e XX, levaram esse idealismo a suas últimas consequências, desembocando no materialismo em que não há lugar para Deus. Assim, toda a alta cultura torna-se anti-religiosa e o homem se proclama auto-suficiente.

A classe dirigente europeia (políticos, jornalistas, professores), formada nas universidades segundo a matriz de três filosofias básicas – marxismo, neopositivismo e existencialismo – irá conceber a vida social à margem da religião e na crença de sua desnecessidade e de sua irrelevância teórica. Assim, o século XX foi marcado pela descristianização da cultura ocidental e pelo ataque a qualquer forma de religião por parte dos intelectuais, ainda que a fé popular permaneça firme, mas agora fundada mais no sentimento do que na razão (falta o pão da cultura católica, que é a doutrina sólida difundida desde as cátedras). A secularização da sociedade é, pois, a dissociação entre a religião e sua vivência no cotidiano dos cidadãos: já não há lugar nem lembrança para Deus nas atividades normais da vida. É a prevalência do mundanismo, marcado pela degradação moral que se segue ao afastamento de Deus.

Por outro lado, existem mentes poderosas que se contrapõem a esse mundanismo, ao afastamento de Deus. Segundo Frankl, ao reconhecer o inconsciente espiritual, rechaça-se, também, qualquer intelectuação e racionalização unilateral com respeito a essência do ser humano. O ser humano não pode mais constituir um ser exclusivamente racional, um ser que pudesse ser entendido somente a partir da “razão teórica” ou “prática”. Assegura, ainda, que dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, há algo como uma religiosidade inconsciente que nos leva a um relacionamento com Deus, de uma relação com o transcendente que é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente. Daí, embora todos os esforços de distanciamento do homem de uma religiosidade profunda ele ainda vive a sua fé. Essa fé inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente (FRANKL, 2007, p. 58).

Essa formulação de um Deus inconsciente não significa, porém, que Deus, em si mesmo e por si mesmo, seja inconsciente; ao contrário, quer dizer que, às vezes, Deus permanece inconsciente para nós, que nossa relação com ele pode ser inconsciente ou reprimida, e, assim, ocultar para nós mesmos.

O psiquiatra vienense relata seu trabalho terapêutico com o objetivo de tornar conscientes vários aspectos reprimidos, inclusive a religiosidade reprimida, que ocorre quando a relação com a transcendência está perturbada. Afirma que a fé, na escala individual, quando se atrofia, transforma-se em neurose, e, na escala social, degenera em superstições. Mostra igualmente que o sentimento religioso natural tem sido vítima da repressão por parte da razão absoluta ou da inteligência tecnicista.

Em “A presença Ignorada de Deus”, Frankl vai às profundezas do espírito humano, ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual (nessa profundidade encontrar a manifestação da presença Deus) e à existência humana.

Situando o fenômeno do inconsciente humano além dos instintos, o fenômeno da consciência além da imanência e o fenômeno do ser humano além do psicofísico, Frankl restitui ao ser humano uma visão mais condizente e mais plena de dignidade.

Para Frankl o ser humano pode ser verdadeiramente ele próprio também nos seus aspectos inconscientes. Ele é verdadeiramente ele próprio somente quando não é impulsionado, mas responsável. O ser humano começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável (FRANKL, 2007, p. 21).

Famoso poeta vienense Arthur Schnitzler, legou-nos um ditado segundo o qual existem apenas três virtudes: objetividade, coragem e senso de responsabilidade. Gostaria nesse trabalho de focar mais nesta última virtude. Viktor Frankl diferentemente de seus psiquiatras contemporâneos, Sigmund Freud e Alfred Adler, interpreta a existência humana em sua essência mais profunda, com um foco dirigido ao “ser-responsável”, que colocou no centro da existência humana, um termo utilizado pela filosofia contemporânea para essa maneira característica e singular de ser o ser humano: a “existência”. E reconhece a responsabilidade como característica fundamental da pessoa, da sua existência. E a partir disto mostrar o caráter de dever, ou missão, da vida e, simultaneamente a ele, o caráter de resposta da existência.

O próprio ser humano uma vez interrogado por si mesmo sobre o sentido da vida, deve dar respostas as eventuais circunstâncias que a vida possa lhe colocar. Porém estas respostas são dadas por meio de atos: somente pela ação poderão ser verdadeiramente respondidas as “perguntas vitais”. Essas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Frankl diz que: a existência só poderá ser nossa se for responsável. A responsabilidade de nossa existência não está somente “na ação”, mas, necessariamente, no “aqui e agora”, ou seja, na concretude de determinada pessoa numa determinada situação.

### **3.1. Religiosidade Inconsciente**

Viktor Frankl ao longo de sua atuação como psicoterapeuta descobriu, dentre da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo com uma religiosidade inconsciente no sentido de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente. Essa fê incluída no conceito de seu “inconsciente transcendente”, significaria então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus a que denominamos Deus inconsciente. Frankl nos diz que nessa formulação de um Deus inconsciente não significa, porém, que Deus, em si mesmo e por si mesmo, seja inconsciente para nós, mas que nossa relação com ele pode ser inconsciente ou reprimida, e, assim, oculta para nós mesmos.

Vale observar que nos ensinamentos bíblicos fala-se de um “Deus desconhecido ou oculto”; na antiguidade helênica havia um altar dedicado ao “Deus desconhecido”. A formulação de um “Deus inconsciente” significaria então a relação oculta da pessoa com Deus igualmente oculto (FRANKL, 2007, p. 59).

A Bíblia afirma em Atos 17:16 que enquanto Paulo estava em Atenas o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade. Quando Paulo viu em Atenas o privilégio da adoração ser reduzido ao culto de meros ídolos de madeira e pedra, o horror tomou conta dele. Paulo, no entanto, havia passado e observado (Atos 17:23) e descobriu algo no sistema que não fazia parte do sistema – um altar que não estava associado a qualquer ídolo! Um altar com a curiosa inscrição: “Ao deus desconhecido”. Paulo percebeu uma brecha na comunicação que

provavelmente abriria as mentes e os corações daqueles filósofos estoicos e epicureus. Paulo, então pronunciou: “Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio”.

(BÍBLIA, Atos 17:16)

Vale ressaltar que Frankl por mais que tenha sido demonstrado que o inconsciente é também espiritual, englobando em si a religiosidade inconsciente, jamais poderia ele ser rodeado com o nimbo de Divino. O fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus não significa absolutamente que Deus esteja “dentro de nós”, que “habite inconscientemente em nós”, que preencha nosso inconsciente. Essa postura não passaria de uma tese de uma teologia diletante. E que seria engano, também, a tese de um “Deus inconsciente” num sentido ocultista. Portanto, não apenas o inconsciente não é divino como não podemos lhe atribuir nenhum atributo divino. Da mesma forma, que o primeiro erro corresponderia a uma teologia diletante, este último constituiria uma metafísica imediatista. Para Frankl, a religiosidade inconsciente e, de modo geral, todo inconsciente espiritual constituem um ser inconsciente que decide e não um ser impelido a partir do inconsciente.

Para reafirmar o caráter espiritual-existencial da religiosidade inconsciente, Frankl descobriu que tais imagens religiosas primitivas não constituem arquétipos latentes em nós mesmos e não são transmitidas por vias biológicas (como o psicanalista Jung defende), mas representam imagens recebidas por tradição de nosso respectivo ambiente religioso-cultural. Esse mundo de imagens, portanto, não é inato em nós; somos nós que nascemos dentro dele.

Portanto, não negamos absolutamente que o ser humano já encontre algo para onde canalizar sua religiosidade, algo de fato preexistente do qual se apodera de maneira existencial. Porém, aquilo que o ser humano encontra pronto, aquelas imagens primitivas, não são quaisquer arquétipos, mas as orações dos nossos pais, os rituais das nossas igrejas, as revelações dos nossos profetas – e os exemplos dos nossos santos.

#### 4. CONCLUSÃO

Podemos inferir que uma das causas da decadência do homem moderno está na sua pseudo auto-suficiência como raiz de muitas dores e sofrimentos. Para sustentar-se como absoluto, o homem vai criando falsos deuses: absolutiza uma economia de abundância, absolutiza regimes políticos e ideológicos fundados no egoísmo, absolutiza suas ideias como se autossuficientes fôssemos por meio de sua razão insana. Desse modo o homem se aliena, tornando-se uma caricatura do projeto original de Deus. Nesse distanciamento e confronto com Deus, o único Absoluto, toda autossuficiência humana cai por terra nas dores e sofrimentos de toda ordem. A corrupção se alastra, o senso moral se perverte, o direito é falsificado e as injustiças se multiplicam.

Conforme observado na introdução deste trabalho, frequentemente nos deparamos com pessoas que pensam “ser livre é levar uma vida desregrada e desenfreada, fazendo o que bem entender, sem se importar com os aborrecimentos que isso possa causar aos outros”. Essa ideia é totalmente errada. Ser livre não é ser escravo dos desejos. Ser livre não é levar uma vida ociosa, desregrada ou descomedida. A grande liberdade não se choca com a disciplina, regras, leis e ordem. Aí se encontra uma das bases do sofrimento humano e o vazio de suas existências. É a total confusão que se faz de liberdade com libertinagem. A sociedade moderna apresenta certos aspectos que deixam enormemente empobrecida a imagem “romântica” (se assim podemos chamar) da pessoa humana, raiz última de nossa formação cultural e religiosa. A eterna opção entre razão e violência adquire extrema dramaticidade numa época em que os meios de destruição chegaram a ganhar dimensões verdadeiramente patéticas. Teorias políticas, ciências sociais e até disciplinas que se supõem filosóficas procuram reduzir o homem à simples expressão quantitativa. Tudo isso explica o porquê o problema humano tenha chegado a ocupar posição central nas discussões filosófica da contemporaneidade.

Buscam-se, assim, sucedâneos para Deus: dedicar a vida à ecologia (defesa das espécies em extinção, mas esquecimento da defesa da vida humana em gestação), culto do corpo através do esporte (paraliturgia dos jogos olímpicos), a “*New Age*” moderna, pregando uma imersão estática no processo cósmico (uma religiosidade sem religião e sem Deus: o que existe seria uma energia espiritual que impregnaria todas as coisas, etc.)

A verdadeira felicidade só será alcançada quando o homem tiver autocontrole de si mesmo agindo com responsabilidade, quando entender o sentido da vida. Mas como

vivermos o medo da morte e dos desejos do corpo aspectos estes primordiais no despertar humano? Para que o equilíbrio permaneça no homem é preciso que ele tenha sentido de vida como fonte inspiradora e duradoura de movimento que o impulsiona a viver. E viver com plenitude. Este equilíbrio encontrará quando ele entender que o único prazer possível é aquele alcançado pela ausência de preocupação da mente e do corpo, ou seja, usufruir da vida de forma correta, com calma em seu coração. Esse equilíbrio ou prazer não são os decorrentes dos desejos intemperantes, ou aqueles desejos consistentes do jogo dos sentidos, mas ao prazer que é ausência do sofrimento da mente e o domínio sobre as emoções e de si mesmo. A “paz de espírito”, se assim podemos resumir.

Muitas pessoas não sabem por que vivem, não tem consciência de sua passagem terrena. E isso vai gerando um estado de vazio existencial, vazio como negatividade. Estes estados podem ser gerados pela falta de amor na vida das pessoas, no desamor, não que a pessoa não tenha sido amada pelos seus pais e familiares, mas é um estado de desamor fruto de uma percepção pessoal. Onde colocamos o amor no centro da vida ele pode trazer o equilíbrio desejado; no amor entendido como algo que lhe dê sentido e preenchimento de nosso ser, mas é importante não colocarmos no outro esta expectativa do amor. O projeto de ser humano é que nos poderá redimir, podemos ser uma pessoa melhor, mais ética e com valores mais elevados ter uma vida mais significativa. Uma cultura de paz interior com valores humanos mais éticos e mais elevados.

O humanista Viktor Frankl, discípulo de Freud, vivenciou todos os horrores de um campo de concentração, via as pessoas que perdiam a esperança a buscarem a morte como fuga daquela situação desesperadora, por vezes jogando-se aos alambrados eletrificados, tentando fugir aos olhos dos guardas para serem fuziladas ou em greve de fome até a inanição total e morte; por outro lado, ele viu também pessoas resistirem ao sofrimento, pois tinham um projeto de vida que lhes fortaleciam para superar e resistir às intempéries e sofrimentos, um projeto maior fora dos campos de concentração que os motivam a seguir vivendo, um propósito elevado maior que os motivavam a sobreviver a tudo e a todos.

Enfim Viktor Frankl viu que um sentido mais profundo de viver, mais significativo na busca de nossas realizações como seres humanos fortaleciam estes sobreviventes. E como missão buscar esse caminho de realização, cultivar a esperança e uma cultura de forma inteligente cheia de sentidos. E sentir e fazer a diferença nos seus



relacionamentos sociais ou profissionais. Viver mais uma vida integral de forma a darmos sentido à vida e ajudar a formar um mundo melhor nem que seja uma pequena contribuição, uma contribuição de valores éticos, humanos e morais mais elevados.

O autoconhecimento também é um grande aliado das pessoas a fim de proporcionar-lhes mais sentido e a realização de uma vida mais profunda e viver uma vida de saúde integral física, espiritual e religiosa e mais humana no íntimo de nós mesmos e com os nossos semelhantes. Os epicuristas afirmavam que nosso fim é sermos ditos aqui, dentro de nossa realidade efêmera, por meio da paz da alma, ou seja, a paz de espírito. E arremata “se a alguém não lhe parece bastante o que possui, ainda que seja dono do mundo, será infeliz”. Por fim, sem perder a dimensão espiritual de nossas vidas, sem perder nossa conexão com o Absoluto que é Deus, vale refletirmos sobre o entendimento de Schopenhauer que nos ensina que os bens subjetivos, tais como um caráter nobre, um cérebro poderoso, o humor alegre, o corpo bem organizado e em perfeita saúde, ou sintetizando de maneira geral o “*mens sana in corpore sano*” constituem bens supremos para nossa felicidade (SCHOPENHAUER, 2012, p. 36).

Destaca Frankl com muita clareza que muitas pessoas experimentam o alívio psicológico ao considerar sua transcendência, ao encontrar o sentido último da vida em Deus ou a sentir-se amparado pelo absoluto. Ao tomar consciência disso uma das soluções para a paz e a quietude do ser humano, Frankl nos traz o “inconsciente transcendental”, cuja riqueza não está circunscrita à religiosidade, mas também, à dimensão intelectual ou artística, consideradas como formas dinamizadoras de dar sentido à vida. Com isso, Frankl restitui à produção humana a dignidade merecida, pois não emergem do porão dos instintos, mas das alturas do espírito. Assim ultrapassa a visão do homem-máquina e do “*homo natura*”, encontra o “*homo humanus*”, ou seja, aquele que anseia pelo espiritual e vai além dos impulsos, a fim de alcançar o Eterno, no seio do próprio Deus. Leva-nos além da imanência, rumo à transcendência, propondo assim libertar o ser humano do determinismo, tanto psicológicos como sociais, e a tomar as rédeas de suas vidas com responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Edição Pastoral, Paulus, 1990.

EVENTOS MITOLOGIA GREGA. **Íxion e Seus Desejos Incontroláveis**. Portal da internet, 2011. Disponível em: <<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/08/ixion-e-seus-desejos-incontrolados.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

FARRINGTON, Benjamin. **Doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A presença ignorada de Deus**. Tradução: Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica** – Novíssima edição de acordo com texto oficial em latim. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARTINS, Ives Gandra Filho. **Manual Esquemático de Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

PIERRE, Brunel. **Dicionário de Mitos Literários**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

PLATÃO. **A República**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

RABELO, Silvio. **Farias Brito ou uma aventura do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

ROCUANT, Miguel Luís. **O jardim de Epicuro**. Limeira: Empresa Gazeta de Limeira, 1946.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A sabedoria da vida**. São Paulo: Edipro, 2012.

\_\_\_\_\_. **A arte de conhecer a si mesmo**. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aforismos para sabedoria da vida**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A arte de ser Feliz**. Tradução: Marion Fleischer, Eduardo Brandão, Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mundo como vontade e representação** (III Parte). Traduções: Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultura, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dores do Mundo** – a metafísica do amor, a morte, a arte, a moral. O homem e a sociedade. 3. ed. São Paulo: EDIGRAF, 1961.